



A MERENDA DA JOANNINHA

Já estiveram alguma vez de castigo na casa escura?

Já, já, que eu bem sei! Mas de quem foi a culpa? da minha querida menina. Não estudar a sua liçõesinha, desobedecer à mamã, ser teimosa, bater nas criadas, sujar e romper o fato, são maldades que requerem castigo.

Por este princípio, julgam talvez as minhas meninas que lhes vou dizer que a Joanninha, a pequenita representada na estampa, foi fechada na casa escura?

Pois enganam-se, minhas carinhas bonitas: não foi a Joanninha, foram as gallinhas. A mamã da Joanninha fechou-as allí, na capoeira, para as engordar, a fim de melhor as vender no mercado.

Ao vê-las na capoeira, a Joanninha disse lá consigo:

— Coitadinhas! como ellas devem estar tristes, por se verem allí presas, sem poderem passear pelo páteo, esgaravatando e espennejando-se na terra, á luz do sol tão bonito!

As gallinhas não estavam tristes, como suppunha a Joanninha, porque tinham bastante de comer, que é o que ellas apreciam; mas a pequenita punha o caso em si e compadecia-se das pobres aves.

Por isso, em vez de ir passear para o quintal, ou brincar com o Tigre — um enorme cão que lhe aturava mil travessuras — foi fazer compa-

nhia ás prisioneiras e dividir com ellas o pão da sua merenda.

As gallinhas decerto não teem fome, porque lhes sobeja comida; mas sempre vão depenicando no pão da Joanninha. São tão gulosas!

NINI.

OS NETOS DO SENHOR VENANCIO

II

— Ora bem: vou principiar — disse o senhor Venancio com a gravidade de um historiador, orgulhoso pela attenção e curiosidade dos seus pequeninos ouvintes.

— Bom... bom... — disse Paulo muito alegre, esfregando as palmas das suas mãos, alvas de neve, e fazendo mil tregeitos com as pernitias, que ora entalava entre as travessas do banco em que estava sentado, ora as cruzava uma sobre a outra, inquietamente.

Laura, que não perdia o vêr pelo ouvir, nem vice-versa, olhou para o avô e observou com gesto prophetic: — O Paulinho — era assim que ella tratava o mano — não tarda que esteja com a cabeça partida.

— Porque dizes isso? — interrogou o senhor Venancio.

— Repara — respondeu ella — está com as pernas enleadas nas travessas do banco. Já se não lembra da queda que deu o outro dia na sala, jus-

tamente por estar n'aquella posição, e que lhe custou um golpe na cabeça!...

— Não estejas assim, menino. Em primeiro lugar, essa posição é incivil e imprópria de quem tem educação; em segundo...

— Mas eu — interrompeu Paulo — não faço isto nas casas alheias, nem diante de visitas.

— Pois sim, quero crel-o. Mas bom é que saibas, que podes distrahadamente commetter essa falta em qualquer parte, pelo facto de estares no habito de a praticar continuamente em familia. O homem que se deixa dominar por um vicio, cedo ou tarde, e quando menos o espera, é victima d'elle — por um descuido, comprehendes?

— Bem — concluiu Paulo — percebo. Já não torno...

— Deus o queira! — disse o senhor Venancio, contente pela victoria e afagando a sua cabelleira, tão farta como a d'um rapaz, e branca como a cal.

Laura, tomando parte na victoria a que ella dera motivo, ajuntou accentuadamente:

— Sim... Deus o queira!...

— O avôsinho, fazes-me um favôr? — atalhou Paulo, cravando os seus olhos negros nos do senhor Venancio, que ora fitavam um, ora outro dos seus netinhos. E proseguiu logo sem esperar resposta: — Reprehende a mana, que não está calada um instante e está sempre a interromper-te, sim?

O senhor Venancio percebeu a vindicta da creança, muito bem disfarçada, e fazendo-se desentendido, tratou de providenciar, aproveitando a occasião para dar uma lição ao seu netinho. E assim, começou:

— Realmente, não é nada delicada a pessoa que interrompe outra, e sobretudo quando essa pessoa é mais velha, e por isso se lhe deve maior respeito, seja quem fôr. Assim como tambem, se eu entendesse que o meu rouxinol — e apontou para Laura, que o ouvia muito attentamente — tinha denunciado o mano por vingança ou para fazer com que o maltratasse...

— Podes crêr, avôsinho, que não foi com esse intento.

— Bem sei, bem sei — atalhou o senhor Venancio, que estava fallando muito vagarosamente, de proposito para que as suas palavras produzissem o effeito que produziram. — Se eu não estivesse intimamente convencido d'isso — continuou elle — a menina ficava mal commigo. Certamente a não beijava estes dois dias, pelo menos, para a castigar, e nem mesmo sei se faria mais alguma coisa... percebe?

O «percebe», — a que o senhor Venancio deu um tom mysterioso, — fez apontar duas lagrimas nos olhos da sua netinha, que se sentiu, pois entendeu que a ameaça dizia respeito á palmatoria, — traste de que o senhor seu avô nunca fez uso, mas que estava sempre invocando para remedio dos males que elle entendia deviam ser cortados pela raiz.

O senhor Venancio, já triste, mas por outro lado contente, por vêr que Paulo estava comprehendendo o alcance das suas palavras e por-

ventura arrependido, fez umas meiguices á sua netinha, que se deu logo por satisfeita, e continuou:

— Longe de mim pensar que tu, minha flôr, tiveste a intenção de comprometter o mano. Isso seria indigno e intoleravel. Um proposito de fazer mal!... uma vingança!... Santo Deus! A vingança, disse Monteverde, e disse perfeitamente — é o deleite d'uma alma desprezível.

— Eu lembro-me de ter lido isso — observou Paulo.

— Ah! vêz?! Eu não costumou faltar á verdade, que tambem é um defeito pessimo e condemnavel. A mentira!... Santo Deus!... A mentira é um vicio detestavel, e que dá sempre resultados funestos para as pessoas que elle envolve. E depois... Phedro, o grande fabulista latino, que disse verdades gigantescas, entre outras disse esta, a proposito da mentira, que vem a tempo: «Aquelle que uma vez foi apanhado em mentira, depois, por mais verdade que falle, ninguem o acredita.» Mas, como eu ia dizendo, se a menina Laura tivesse denunciado o mano para lhe fazer mal — isto é uma supposição, entendem? — eu pegava na palmatoria e dava-lhe meia duzia de bolos bem puxados. E outro tanto aconteceria ao menino Paulo em eguaes circumstancias, hein?!...

Estas ultimas palavras fizeram desmaiar Paulo, que estava confundido e trémulo, porque lhe assentavam directamente por meio artificioso, sem elle se lembrar d'isso.

O senhor Venancio, depois d'uma curta pausa, disse jovialmente e como acordando d'um lethargo:

— Vamos lá ao conto.

— Vá lá — disseram ao mesmo tempo os dois manos, prestando muita attenção.

O senhor Venancio principiou:

«Era uma vez um caçador, que se chamava Fábio, e era descendente de principes. Um dia, o joven ergueu-se quando o rei dos astros — o sol — se levantava do seu leito de luz, e chamou o criado, cognominado por elle Fiel, a quem disse: Traze-me os aprestos de caça e põe os cães em estado de marcha. — Minutos depois a sua ordem estava cumprida. Fábio apparellhou-se, assobiou á matilha dos cães, que o esperavam impacientemente e o receberam com as costumadas caricias, e marchou para o monte, em busca de caça, que elle dizimava como ninguem. Chegado a um pinhal, divisou no cume d'uma das mais altas arvores, que o povoavam, um famoso rolo, que gemia ternamente. Metteu a arma á cara e ia a desfechar, quando uma voz estranha o saudou assim: «Bom dia, magnanimo senhor!» Fábio, que n'esse momento distrahiu a pontaria, e desfechou o tiro erradamente para o espaço, perguntou: — Quem me falla? — Eu — respondeu a mesma voz. Então Fábio olhou para o rolo, que suppoz estar já morto, e ouviu-lhe dizer: — «Felizmente escapei á tua precipitação. Attende! — E Fábio, estupefacto, descansou no hombro a arma e disse-lhe: — Explica-te, ó ave, ou quem quer que és, sob a sua figura. — Eu

sou — tornou o rolo — a voz da Razão. Escuta: Todos teem direito á vida, dadiva do Creador, e que só a elle é dado tirar quando lhe aprouver.

— As aves fallam? — interrompeu Laura maravilhada.

— Todos os animaes teem a sua linguagem, pela qual se fazem comprehender uns aos outros.

— Mas pergunto eu se ellas fallam como nós?

— Ah! não. Isso foi tempo...

— Acaba o conto, avôsinho — pediu Paulo. E voltando-se para Laura com modo affavel, disse-lhe: — Está caladinha, mana. Não ouviste o que o avôsinho depois disse...? Conclua, avôsinho. Ainda falta muito?

— Não, — respondeu o senhor Venancio cheio de jubilo. Está a dar fim.

E continuou:

«O rôlo, depois da sua judiciosa razão, expoz a Fábio que era pae, e que a sua morte ou a da sua amada companheira importava a morte ou a miseria de seus filhos. Fábio despediu-se da avesinha, agradeceu-lhe os seus conselhos e voltou para casa pensando em não mais se divertir fazendo mal. E assim fez. De futuro os seus recreios foram outros, que muito lhe utilizaram.

(Continúa)

FRANCISCO LOBO CORREIA DE BARROS.

IDÉA GERAL DA GEOGRAPHIA

Sem duvida, meus jovens e amaveis leitores, tereis ouvido fallar em *Geographia*. Esta palavra, composta de dois vocabulos gregos — *geos*, — terra, e *graphein*, — eu descrevo, significa descripção da terra. É d'esta que eu vos vou dizer duas palavras.

Quando a geographia estuda a superficie da terra, enumerando os seus mares, rios, lagos, ilhas, continentes, montanhas, etc., tem o nome de geographia physica.

Quando se occupa dos differentes paizes, indicando a sua forma de governo, a sua população, o estado em que se encontra a sua industria e commercio, o desenvolvimento da instrucção, a extensão das linhas férreas e telegráphicas, descrevendo as suas cidades e logares notaveis pelo clima, por condições do solo que os tornem pittorescos e attrahentes, ou pelo seu commercio, pela industria, ou, finalmente, porque n'elles se tenha dado algum factio importante e memoravel; quando a geographia se occupa d'isso, denomina-se politica.

Finalmente, quando a sciencia de que vos estou fallando estuda a terra, considerando-a como um planeta, recebe a denominação de — astronomica ou mathematica.

Fallei-vos, meus queridos leitores, em planeta. Devo explicar-vos o que esta palavra significa. O sol, a lua, as estrellas e todos os globos que povoam o espaço, tem a denominação geral de corpos celestes, que se dividem em tres grupos: estrellas, planetas e cometas. Pois bem, é ao segundo d'estes tres grupos que pertence a terra.

D'isto se deprehende a importancia dos estudos geographicos. Effectivamente, é indubitavel que uma sciencia que nos dá a conhecer o que é a terra, o planeta que nós habitamos, considerando-a sob tres pontos de vista, é da maxima utilidade, e mui principalmente quando o seu estudo é acompanhado do estudo d'uma outra sciencia — a geologia — que se occupa das differentes camadas constituintes do nosso globo, estudando o modo de formação e estrutura dos terrenos. Pela definição, ou antes, pela idéa que dei do que é uma ou outra sciencia, se comprehende facilmente que, só quando tivermos adquirido os conhecimentos geographicos e geologicos é que poderemos dizer que conhecemos a terra.

JOSÉ PESSANHA.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR ENILIO DESBRAUX

(Continuado do numero antecedente)

A senhora de Sannois, Susana e o sr. de Beau-court tinham ido passar para Dieppe a estação calmosa.

Paulo ia ao sabbado visital-os e voltava á segunda feira, mas cada vez lhe custava mais o regresso. É porque, ao deixar Dieppe, se afastava d'uma formosa menina de dezeseis ou dezeteze annos, muito loira, de olhar meigo, de faces mimosas e cujos labios rosados lhe davam graciosamente os bons dias quando se encontravam na praia.

A senhora de Sannois encontrára em Dieppe uma das suas amigas de collegio, que não via desde longos annos. Reconheceram-se, e em breve reataram os laços de amizade de outro tempo.

A amiga da Senhora de Sannois era a mãe de Thereza Montlaur. Enviuvára havia alguns annos.

Observando a respeitosa affeição que Paulo dedicava a Thereza, as duas mães fitaram-se e sorriram. De factio, não deveria ser-lhes agradável a idéa do casamento dos seus queridos filhos, que pareciam nascidos um para o outro?

A ladina Susana, que desde logo se affeiçoára extremamente a Thereza, não contribuiria pouco para fortalecer aquella nascente sympathia.

A pequenina espertalhona notára logo o modo porque Paulo fitava Thereza, e adivinhára tambem que esses olhares não eram mal recebidos. Reparára igualmente que o seu querido mano se mostrava cada vez mais triste, quando se retirava á segunda feira, e essa tristeza deixava-a sem alegria.

Um dia que Paulo se dispunha para ir embarcar no primeiro comboy da manhã, encontrou Susana já levantada. Beijou-a, encarregando-a de abraçar em seu nome a mãe e o avô.

Susana disse-lhe então com ar malicioso:

— Não te esqueces de mais ninguém?

— Que pergunta! — tornou Paulo, admirado — pois de quem me hei de esquecer?



... cujos lábios rosados lhe davam graciosamente os bons dias...

— Bom; abraçarei por minha conta a minha amiguinha Thereza — declarou com a maior naturalidade a Susanita.

Paulo fingiu não perceber, e retirou-se apressadamente.

VIII

O QUE PENSAVA THEREZA

Ao almoço, Susana ouviu a sua mamã e o seu avôzinho fallarem de Paulo e de Thereza.

Uma phrase escapada ao sr. de Beaucourt não passou despercebida á Susaninha.

Ao levantar-se da mesa, o bondoso ancião disse para terminar a conversa:

— Primeiro que tudo, é necessario saber o que *ella* pensa a tal respeito.

Ella, era evidentemente a formosa Thereza.

— Pois eu saberei o que *ella* pensa a tal respeito! — disse entre si a Susaninha.

Pelo dia adiante, emquanto a sr.^a de Sannois e a sr.^a de Montlaur conversavam assentadas na praia, Susana pegou na mão de Thereza e pediu licença á sua mamã para passear um bocado.

Foi concedida a licença, com a condição de que não se afastaria para muito longe.

Susana distanciou-se com Thereza, e ao chegar a um sitio d'onde se desfructava um largo horizonte, convidou a sua amiguinha para se sentar alli ao pé d'ella.

— Sabes que o Paulo foi-se embora esta manhã? — disse Susana sem mais rodeios.

— Bem sei — respondeu Thereza, um tanto admirada.

A pequenita conservou-se calada um instante, e depois disse:

— Coitadito do Paulo! estava tão triste esta manhã!

Desejando mudar de conversação, Thereza exclamou:

— Repara n'aquelle navio lá ao longe! Como as ondas o fazem agitar!

A Susaninha nem voltou a cabeça; proseguindo na sua idéa, accrescentou:

— O Paulo gosta muito de ti. Não sabias?

— Mas a que vem essas perguntas? — redarguiu vivamente Thereza. — Não sei porque a menina me falla de seu irmão. Ha de acabar por me fazer perder a paciencia!

— Oh! — exclamou a pequenita em tom de censura — acaso não gostas d'elle?...

E como olhava muito a fito para Thereza, viu-a fazer-se muito corada, mostrando uma grande commoção.

— Vamos embora! — disse a menina de Montlaur com voz breve — Estão á nossa espera.

— Como vens animada, minha querida filha! — disse a sr.^a de Sannois. — Brillam-te os olhos d'um modo extraordinario!

— É que estou pulando de contente! — respondeu Susana, olhando para Thereza, que lhe fazia signaes para não dizer nada do que se passára.

A alegria de Susana e os signaes de Thereza reclamavam explicação.

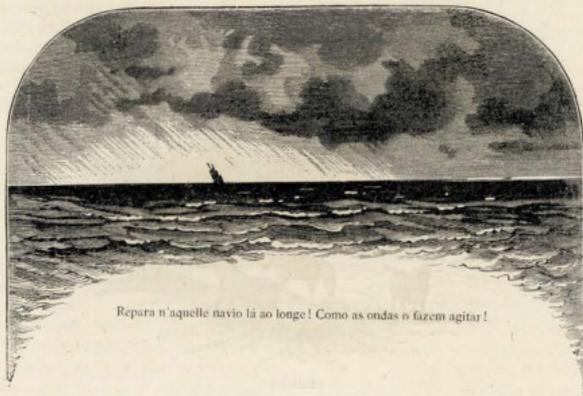
— Que tens tu, Thereza? — perguntou a senhora de Montlaur.

— E tu, porque motivo estás tão contente? — disse a sua filha a sr.^a de Sannois.

A Susaninha acercou-se da mamã, e disse-lhe brandamente, apontando para Thereza:

— Porque já sei o que ella pensa!

(Continúa)



Repara n'aquelle navio lá ao longe! Como as ondas o fazem agitar!

Susana ergueu-se e acompanhou a sua amiga. Estava contentíssima, porque a perturbação de Thereza era a melhor das respostas.

Susana entendia saber já o sufficiente. Não obstante, antes de chegar ao local onde estavam as duas mães, pegou na mão de Thereza, e disse-lhe em voz baixa:

— Então não queres ser minha cunhadinha?

Thereza não respondeu ainda d'esta vez, mas Susana sentiu que a sua amiga lhe apertava affectuosamente a mão. Depois, a menina de Montlaur, olhando para a Susaninha, murmurou sem querer:

— Adoravel creança!

— Ah! — exclamou a pequenita — agora quero dar-te um beijo!

E saltando-lhe ao pescoço, beijou-a com enthusiasmo, dizendo-lhe ao mesmo tempo baixinho:

— Obrigada!

Quando as duas amigas chegaram ao pé das mães, estas trocaram um olhar e calaram-se.

Susana reparou n'aquelle facto, adivinhando ogo qual era o assumpto da conversação.

A ZEBRA

Eis um animal que os meus caros amiguinhos naturalmente nunca viram. É pena; porque a zèbra é muito bonita. Buffon, o celebre naturalista, descreve a por este modo:

«A zèbra é talvez de todos os animaes quadrupedes o mais elegante e o de pelle mais formosa. Tem o aspecto e a graça do cavallo, e a ligeireza do veado. A pelle é toda em riscas brancas e pretas, dispostas com tanta regularidade e symetria, que parecem pintadas pela natureza a regua e a compasso.

As zèbras encontram-se em rebanhos nas vastas solidões da Africa meridional, preferindo geralmente as regiões montanhosas. É um animal desconfiado e feroz. Tem sido baldados todos os esforços para domesticar e tornal-o util ao homem.»

Dizem bons auctores, que foram os portuguezes os primeiros que deram a conhecer a zèbra, a qual, por ser dotada de grande apuro de sentidos, presente qualquer perigo a grande

distancia, fugindo por isso ao caçador antes mesmo d'elle a avistar.

Cada rebanho tem um *chefe*, que é a zèbra mais sagaz, a qual está sempre attenta e vigilante, advertindo os companheiros do menor perigo que os ameaça. Logo que o *chefe* foge, todo o rebanho o imita.

A zèbra defende-se vigorosamente de todos os animaes ferozes; parece que só o leão consegue vencel-a e devoral-a. O leopardo apenas mette dente com as mais fracas; as mais fortes obrigam-no a fugir, atacando-o as dentadas e aos coices.

Muitas pessoas teem tentado domesticar a zèbra, mas sem o conseguirem.

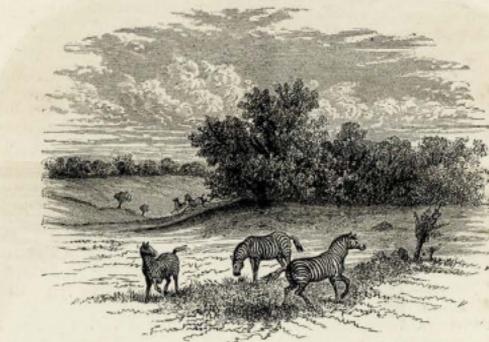
Um ousado e excellente cavalleiro conseguiu montar um d'esses animaes; mas tantas e tão repetidas parilhas de coices despedia a zèbra, que o cavalleiro viu-se perdido, cahindo ambos.

o pobre rapazinho que estava a dormir tão soçegadamente na sua cama de folhas, como um príncipe na sua de pennas. Battista ergueu-se estremunhado.

Era Lorenzo Giotto, o pae d'elle, quem o havia chamado com tão desabridas maneiras, e Battista bem sabia que elle não brincava com ripansos. Por isso levou menos tempo a pôr-se a pé do que eu gasto a contal-o.

Pegou no cajado de pastor e no capote dos aguaceiros, que, com uma pelle de carneiro e um ordinario chapéu de palha, eram todo o seu trajar. Sem carecer de mais ordens, foi á arribana, e fez sahir o rebanhosinho que todas as manhãs costumava levar a pastar pelos campos. A mãe deu-lhe um grande pedaço de pão negro, ração para o dia.

Chamou pelo cão, seu amigo fiel e excellente, animal de pello curto e negro, de orelha direita,



ZEBRAS

A zèbra levantou-se logo e correndo, para a margem d'um rio, atirou-se á agua, cuspendo então da sella o valente cavalleiro. Este não largou as redeas, e a zèbra arrastou-o para a outra margem, e alli, de certo para se vingar da ousadia do destemido homem, arrancou-lhe com os dentes uma orelha!

Parece, entretanto, que o celebre Barey, o mais eminente domador de cavallos, conseguiu amansar algumas zèbras.

As zèbras dão-se bem na Europa, e, formosas e ligeiras como são, se fosse facil domestical-as, tornar-se-hiam muito procuradas e estimadas.

GIOTTO

— Vamos, Battista, já é dia, e ainda tu estás a dormir! Levanta-te, mandrião, depressa! depressa! As tuas ovelhas madrugam mais do que tu; lá as sinto a balir no curral a pedirem campo.

Ditas estas palavras, uma valente mão abanou

de olhar esperto e feroso, que veio logo aos pulos postar-se-lhe ao lado a lamber-lhe as mãos.

Depois, acompanhado d'aquelle inseparavel companheiro, foi o pastor levando o rebanho devagarinho por uma azinhaga estreita e pedregosa para a pradaria do costume.

Ora agora, meus amigos, é preciso que conheçam melhor o meu pastorsinho. Battista Giotto era filho de um camponio pobre dos arredores de Florença.

Não preciso declarar-lhes onde fica aquella grande e bella cidade. Sabem certamente, e tão bem com eu, que Florença era a capital da Toscana, vasta região da Italia regada pelo rio Arno. Desde o seculo xviii (tempo da nossa historia), era Florença uma das cidades mais florescentes, onde as artes e as letras tinham uma cultura e um brilho que mais a faziam sobressair da geral barbarie.

Nas cercanias de Florença, n'uma cabana, pobre colmado, é que vivia o pae de Battista Giotto. Carregado de muita familia, custava-lhe o sustental-a. Elle, a mulher e os pequenos, vi-

viam do seu proprio trabalho e do que lhe rendiam umas cabras.

Desde muito creança a obrigação de Battista era levar-as a pastar as ervas do campo, dos comoros e dos silvados á volta do colmado. A' noite vinha participar de uma parca refeição com toda a familia, e na seguinte madrugada, como já o vistes, levantava-se ás vezes até antes do sol nascido.

O nosso Giotto já ia nos seus treze annos, e passava sempre a mesma vida. Era sem duvida uma vida muito triste e muito aborrecida.

E entretanto Giotto tinha achado um modo de se entreter n'aquellas compridas horas que passava sósinho no campo, enquanto o rebanho andava pastando ao pé d'elle, guardado pelo fiel cão negro. Apesar de ser ignorantissimo, de não saber lêr nem escrever, o heroe da nossa historia não se parecia com os outros pastores da sua idade.

Quantas vezes, sentado junto de uma arvore, com a cabeça encostada ás mãos, parecia estar scismando! D'ahi levantava-se, agarrava n'um pedaço de giz ou de carvão, que já trazia de casa, e punha-se a desenhar, na primeira parede que encontrava pelo caminho, umas figuras de homems ou de animaes, arvores, casas, todas as coisas que via; ás vezes era até na areia que elle garantjava aquelles contornos.

Bem podem fazer idéa que n'elles se via o não saber de desenhador, porque não somente Giotto não conhecia as primeiras noções da arte, mas até se pôde affirmar que nunca vira um quadro, n'aquelle tempo em que as obras de pintura, mais raras e mais caras ainda do que hoje em dia, eram só partilha dos palácios e das igrejas mais ricas.

Era este o grande divertimento do nosso Giottozinho. Espero que os meninos que me estão lendo, não vão, como elle, rabiscar bonecos pelos livros e pelos cadernos, em vez de estudar as lições; que o Giotto, esse, coitado, podia á sua vontade fazel-o pelas paredes e na areia, porque ninguém ralhava com elle. Bem vêem que o rapazinho só podia cirandar pelo campo atraz do rebanho.

Ainda que eram mal acabadas as figuras que elle ia riscando, assim mesmo não deixariam de fazer admiração, se se pensasse na idade e no officio do desenhador. Quanta vez não tomava elle por modelo o rebanho, e então retratava cabras mal ou bem, com os penachos na barba e as pernas como fusós: mettia tambem no seu desenho, é claro, o cão preto, o seu bom companheiro de passeios e de aventuras. D'outras vezes era a cabana do pae ou as arvores que a sombreavam. Emfim, todas as paredes que havia por aquelles sitios eram um verdadeiro muzeu de desenhos.

(Continúa.)

JOÃO D'ALBUQUERQUE.

A ESPADA

Ao canto d'uma casa, eu vi a triste espada
Partida e sem valor! — Seria grande a lucta!
Pensei ao contemplal-a; e, vendo-a ensanguentada,
Lembrei d'out'ora a força immensa e resoluta.

E a causa, que ella esconde, alegre ou dolorida,
Eu quiz então saber!

— Conta-me a tua historia,
Sanguinolenta espada, ó força já perdida!
De luto estás coberta, ou lebras uma gloria?!

— Escuta, eu vou contar-te as minhas aventuras:
Servi na gran parada, alli eu só brilhava!
Ao mando do clarim, as pobres creaturas
Na fêrvida batalha então cruel matava!

— Levava no meu fio a coriscante morte,
A decisão do honor, ao campo do duello!
Partia, ao inimigo, a lança por mais forte;
Dobrava o aço fino ao rigidio cutello!

— Mas ai! findou a gloria! E quem pensar havia,
Ó dor immensa e crua, ó força criminosa!
Que out'ora tão possante, ainda me veria
Em face d'uma acção maldita e odiosa!

— Um dia, o meu senhor estreitou-me nos braços
E disse-me a tremor: — Vamos, é ordem minha,
Desejo ver cumpril-a! — E eu fiz-me em tres pedaços
Atravessando o seio a uma creancinha!...

— Fui sempre audaz, cruel! E não temia a lança,
O rigidio cutello, a faca e o machado!...
Mas ai! verguei! tremi! ao ver uma creança
A quem varei, á força, o coração dourado! —

Cuba.

MATHEUS PERES.

A ENGUIA DE NEPTUNO

(JOGO INFANTIL.)

A *enguia* é representada por um bocado de pano, enrolado em fôrma de bola.

Ao começar o jogo, marca-se um *conto* ao pé d'uma arvore, ou no canto de um pateo. Depois, onde o terreno fôr bem liso e desembaraçado, para evitar os trambulhões, traça-se um risco, que se chama a *toca da enguia*.

Tira-se á sorte aquelle que ha de *ficar*, e tapa-se-lhe os olhos com um lenço; depois é levado para cima da *toca*, onde deve ficar de pé, com as pernas largas.

Então os outros jogadores atiram, cada um por sua vez, a sua respectiva *enguia*, que ha de passar por entre as pernas do *cego*, havendo cuidado em não lhe tocar, porque, n'esse caso, e tambem se a *enguia* for esbarrar com outra, o paciente é logo substituido pelo desastrado.

Depois de jogadas todas as *enguias*, que os donos diligenciarão atirar o mais longe possivel, o *cego* abaixa-se, estende-se, avança, anda para a direita, para a esquerda, mas nunca para traz, procurando apanhar alguma das *enguias*. Se n'estes movimentos acontece passar além de qualquer das bolas, o dono d'ella pôde retiral-a.

Finalmente, quando o *cego*, á força de muita

busca e paciência, consegue agarrar uma *enguia*, levanta-se e tira o lenço dos olhos. Então o dono d'ella é obrigado a dar uma volta à roda do recinto do jogo, sendo perseguido pelas *enguias* dos outros até se poder refugiar no *couto*, e em seguida é elle que vae fazer de *cego*.

Advertir-se que, se algum dos jogadores arremessar a *enguia* já depois do perseguido estar no *couto*, é obrigado a dar uma volta nas mesmas condições do *cego*, e a ficar em seu logar.

(Dos *Recreios collegiaes*).

ALEGRIAS

Um soldado apresentou-se ao seu capitão, dizendo-lhe que tinha morto um official do exercito inimigo.

— É para prova — accrescentou elle — trago aqui o braço que lhe cortei!

— Boa façanha, meu rapaz; — disse-lhe o capitão — mas porque não lhe cortaste antes a cabeça?

— V. S.^a tem razão... era melhor cortar-lhe a cabeça... mas é que o raio do homem já não a tinha quando eu o matei.

Um saloio de Loures, sentindo-se bastante doente, mandou chamar o cirurgião. Este foi, examinou-o, e depois de escrever a receita, entregou-lhe o papel, dizendo-lhe:

— Ora aqui tem, sr. Manuel; tome isto, que lhe ha de fazer bem.

Depois do medico sahir, o saloio poz-se a olhar para a receita, murmurando passado um segundo:

— Vá lá, com mil diabos! uma vez que me faz bem...

E engoliu o papel onde o medico escrevera a receita.

Seguiam viagem n'uma carruagem de caminho de ferro tres senhoras e um cavalheiro. Sentindo vontade de fumar, o cavalheiro tirou o chapeu e perguntou delicadamente ás suas companheiras:

— Incommoda-as o fumo, minhas senhoras?

— Muitissimo! — exclamaram todas tres a um tempo.

— N'esse caso, queiram apaar-se, porque eu vou fumar.

E' pouco delicado, mas tem graça.

O sr. Thomé foi um dia d'estes cortar o cabelo. O cabelleiro esmerou-se no trabalho, e no fim perguntou:

— Está á vontade de V? Ex.^a?

O sr. Thomé largou o jornal que estava lendo, olhou para o espelho, e respondeu:

— Não senhor, não está bom; deixe-me o cabelo mais comprido. Dê cá outra vez o jornal, mestre.

E repimpu-se na cadeia.

O GALLO E A MACACA



Um gallo mui pimpão e atrevido,
Ao ver feia macaca adormecida,
Tentando á custa d'ella encher o papo
Foi assaltar-lhe a celha da comida.

N'isto acorda a macaca, e dando um salto,
Atira-se ao gallo, fera e raivosa.
Afflicta foge a ave, protestando
Não mais em sua vida ser gulosa!